Um ensaio cartográfico

percursos da filosofia do conhecimento no século XX em Portugal e no Brasil

Luís Manuel A. V. Bernardo

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/964>

DOI: 10.4000/cultura.964

ISSN: 2183-2021

Editora

Centro de História da Cultura

Edição impressa

Data de publicação: 1 junho 2012

Paginação: 9-10

ISSN: 0870-4546

Refêrencia eletrónica

Luís Manuel A. V. Bernardo, « Um ensaio cartográfico », *Cultura* [Online], Vol. 29 | 2012, posto online no dia 29 outubro 2013, consultado a 22 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/964> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/cultura.964>

Este documento foi criado de forma automática no dia 22 setembro 2020.

© CHAM — Centro de Humanidades / Centre for the Humanities

Um ensaio cartográfico

percursos da filosofia do conhecimento no século XX em Portugal e no Brasil

Luís Manuel A. V. Bernardo

- 1 Com este conjunto de treze artigos introdutórios, pretende-se apontar e, parcialmente, preencher uma lacuna significativa nos estudos sobre a Filosofia em Portugal e no Brasil. Com efeito, uma investigação bibliográfica tornará facilmente manifesto que a Filosofia do Conhecimento, enquanto tal, com os seus problemas específicos e as suas categorias próprias, não tem figurado, com uma assiduidade à medida da sua representatividade, na agenda daqueles que se dedicam à interpretação das propostas filosóficas que tiveram origem nos dois países lusófonos na Época Contemporânea. A própria *História do Pensamento Filosófico Português* (Editorial Caminho, 2000), obra de referência, conclui o segundo tomo do último volume, com uma extensa sexta parte intitulada «Lógica, conhecimento e filosofia da ciência», na qual se trata substancialmente da primeira e da última e se reduz a segunda a um artigo de José Barata-Moura sobre Vieira de Almeida retomado do volume comemorativo do centenário do seu nascimento (Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1991).
- 2 Claro está que, na compreensão dessas perspectivas, aparecem, inevitavelmente, as referências às problemáticas típicas da área em questão, mas tendencialmente secundarizadas, porque emergindo da necessidade de estabelecer a coerência de outros domínios, como o da Ontologia ou da Metafísica, ou de estear as respectivas concepções epistemológicas. É que, ao que cremos, uma aproximação a partir da Filosofia do Conhecimento, disciplina concorrente quer da Metafísica, desde a Modernidade, quer da Epistemologia, mais recentemente, ao estatuto da Filosofia Primeira, acaba prejudicada pela dupla orientação programática que tem vindo a nortear a investigação sobre o pensamento filosófico nos dois espaços culturais: se aqueles apostados em evidenciar uma particularidade identitária seguem a intuição de José Marinho sobre uma orientação existencial, ontológica e mística em torno de uma dominante metafísica, legada na obra póstuma *Verdade, Condição e Destino no Pensamento Português Contemporâneo* (Porto, Lello, 1976), já os outros, em busca de estabelecerem uma

genealogia para o seu alinhamento logicista, procuram sobretudo os indícios de inquietações epistemológicas, positivistas ou analíticas, quando não reduzem a história da filosofia local às últimas décadas.

- 3 Não cabe, nesta nota de apresentação, esgrimir razões à volta de tais posicionamentos. Bastará, para fazer sentir a estranheza desta circunstância, lembrar que praticamente todos os autores do século XX conferiram ao problema do conhecimento um lugar central, tendo escrito obras com a intenção explícita de com ele lidarem de modo sistemático. Esta foi uma das evidências que o Seminário sobre Filosofia do Conhecimento em Portugal e no Brasil no Século XX, que tivemos o gosto de coordenar, com que se encerrou, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, o IX Colóquio Tobias Barreto, possibilitou. Outra, igualmente importante, nomeadamente para o intérprete em busca de uma melhor compreensão da matriz cultural da lusofonia, diz respeito à existência de inequívocas correspondências, verdadeiros paralelos, entre os caminhos trilhados pelos pensadores dos dois continentes, no interior de determinados alinhamentos privilegiados no leque de escolas, métodos e posições. Assim, em ambos os contextos se nos deparam, como que em espelho, cultores de cinco orientações filosóficas, relativamente às quais se mostram menos fiéis do que prontos a combiná-las em nome do que supõem mais atinente à verdade buscada: Idealismo; Neo-Escolástica; Marxismo; Fenomenologia; Neo-Positivismo. Queda, por esta via, instalado um jogo de identidades e de diferenças, de inquietações partilhadas e de soluções mais personalizadas, que sugere o desenho de um mapeamento comum, no qual foram seguidos percursos próprios.
- 4 Em conformidade, quereríamos que esta incursão plural, ainda que de forma alguma exaustiva, nas concepções da Filosofia do Conhecimento dos autores novecentistas portugueses e brasileiros, limitada, por questões de objectividade, a figuras que já não se encontram entre nós e, pela formação dos colaboradores, deixando por tratar algumas vias, fosse entendida, na sua globalidade, como um exercício de cartografia, uma tentativa de delimitar os principais percursos que estruturaram a reflexão filosófica sobre o problema do conhecimento e de constituir um diagrama susceptível de orientar aprofundamentos futuros. Fica, então, como primeiro norte, o repertório das estâncias do percurso traçado: de Leonardo Coimbra (Lixa, 1883-Porto, 1936); António Sérgio (Damão, 1883-Lisboa, 1969); Francisco Vieira de Almeida (Castelo Branco, 1888-Cascais, 1962); Djarcir Meneses (Maranguape, 1907-Rio de Janeiro, 1996); Delfim Santos (Porto, 1907-Cascais, 1966); Diamantino Martins (Zibreira, 1910-Braga, 1979); Miguel Reale (São Bento de Sapucaí, 1910-São Paulo, 2006); Milton Vargas (Niterói, 1914-São Paulo, 2011); Heraldito Barbuy (São Paulo, 1913-São Paulo, 1979); Arnaldo Miranda Barbosa (Espinho, 1916-Coimbra, 1973); Vilém Flusser (Praga, 1920-Praga, 1991); Eduardo Abranches Soveral (Mangualde, 1927-Vila Real, 2003); Fernando Gil (Muecate, 1937-Paris, 2006).

AUTOR

LUÍS MANUEL A. V. BERNARDO

Centro de História da Cultura/Departamento de Filosofia – Faculdade de Ciências Sociais e
Humanas da Universidade Nova de Lisboa